

O cuidado ao bebê e a construção da parentalidade: o pai em foco

Baby care and parentality building: the father in focus

Cuidado del bebé y edificio de la parentalidad: el padre en foco

Recebido: 04/09/2019 | Revisado: 12/09/2019 | Aceito: 03/10/2019 | Publicado: 05/10/2019

Maria Giselma Santos Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0549-632X>

Universidade Franciscana, Brasil.

E-mail: mgisasm@hotmail.com

Paola Carvalho Fenner

ORCID: <https://orcid.org/0000-001-74575585>

Universidade Franciscana, Brasil.

E-mail: paolafenner@hotmail.com

Josiane Lieberknecht Wathier Abaid

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5746-5349>

Universidade Franciscana, Brasil.

E-mail: josianelwathier@gmail.com

Cristina Saling Kruel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1996-7708>

Universidade Franciscana, Brasil.

E-mail: cristinaskruel@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a relação parental na primeira infância e a importância dos cuidados iniciais com o bebê, tendo como enfoque a experiência da paternidade. Adotou-se como método para a realização desse estudo a técnica de revisão narrativa de literatura. Foi realizado um levantamento de dados na literatura nacional sobre a temática escolhida. Pode-se dizer que o nascimento de um filho é acompanhado por diferentes fantasias, algo que independe dessa criança ter sido planejada ou não, pois os pais precisam aprender a lidar com esse novo momento de suas vidas. Percebe-se que na nossa cultura a

figura da mãe é vista com mais destaque nas relações iniciais com o bebê e o pai ocupa um lugar secundário. No entanto, estudos atuais comprovam a importância da presença do pai e dos cuidados paternos para o desenvolvimento da criança na primeira infância e aborda-se a questão da autoridade paterna, sob um ponto de vista que propicie um vínculo afetivo, sendo essa permeada pelo respeito e confiança entre pai e filho. Para a construção da parentalidade é importante refletir sobre a responsabilidade do pai, tendo em vista que hoje se reconhece que o bebê tem um papel ativo nas relações afetivas familiares.

Palavras-chave: Recém-nascido; Paternidade; Cuidados Paternos.

Abstract

This article aims to discuss the parental relationship in early childhood and the importance of early care with the baby, focusing on the experience of parenting. The method used for this study was the narrative literature review technique. A survey was conducted in the national literature on the chosen theme. It can be said that the birth of a child is accompanied by different fantasies, regardless of whether this child was planned or not, because parents need to learn to deal with this new moment of their lives. It can be seen that in our culture the mother figure is seen most prominently in the initial relations with the baby and the father occupies a secondary place. However, current studies prove the importance of the presence of the father and paternal care for the development of the child in early childhood and address the issue of paternal authority, from a point of view that provides an affective bond, which is permeated by respect and trust between father and son. For the construction of parenting it is important to reflect on the responsibility of the father, considering that today it is recognized that the baby has an active role in family affective relationships.

Keywords: Newborn; Paternity; Parental Care.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la relación de los padres en la primera infancia y la importancia de la atención temprana con el bebé, centrándose en la experiencia de la crianza de los hijos. El método utilizado para este estudio fue la técnica de revisión de literatura narrativa. Se realizó una encuesta en la literatura nacional sobre el tema elegido. Se puede decir que el nacimiento de un niño va acompañado de diferentes fantasías, independientemente de si este niño fue planeado o no, porque los padres deben aprender a lidiar con este nuevo momento de sus vidas. Se puede ver que en nuestra cultura la figura de la madre se ve más prominentemente en las relaciones iniciales con el bebé y el padre ocupa

un lugar secundario. Sin embargo, los estudios actuales demuestran la importancia de la presencia del padre y el cuidado paterno para el desarrollo del niño en la primera infancia y abordan el tema de la autoridad paterna, desde un punto de vista que proporciona un vínculo afectivo, que está impregnado de respeto. y confianza entre padre e hijo. Para la construcción de la crianza de los hijos es importante reflexionar sobre la responsabilidad del padre, teniendo en cuenta que hoy se reconoce que el bebé tiene un papel activo en las relaciones familiares afectivas.

Palabras clave: recién nacido; paternidade; cuidado parental.

1. Introdução

A primeira infância, período entre zero e três anos de idade, é etapa fundamental no ciclo vital, pois, é nessa fase que o desenvolvimento cerebral, cognitivo e afetivo é mais intenso e potente (ZORNING, 2015). Papalia e Feldman (2013) consideram que a inteligência sofre influências, tanto da hereditariedade, quanto do ambiente, por isso, pensa-se na estimulação precoce do cérebro como algo fundamental para o desenvolvimento futuro.

É importante, refletir sobre os cuidados que a criança necessita para se desenvolver de forma saudável nesse período e são os adultos cuidadores, os responsáveis por auxiliar a criança na construção de sua subjetividade, possibilitando a mesma apropriar-se da sua história, e poder assim desenvolver a autonomia sobre a sua vida.

A chegada de um filho, demanda investimento afetivo e disponibilidade dos pais e mães para se dedicarem aos seus cuidados, buscando interpretar através da percepção e das trocas afetivas com o bebê o que ele necessita naquele momento. Esse também tende a ser um período de reflexão para pais e mães, que pode levá-los a reviver memórias de sua história infantil e propiciando que este momento não seja apenas uma repetição do cuidado recebido, mas sim o início de uma nova história (ZORNING, 2015).

A transição para a parentalidade pode ter início para o homem e a mulher antes do bebê nascer, através do desejo parental sobre o filho ou filha, somado a história de cada um dos pais e das marcas que eles trazem da sua infância. Essa transição tem sua continuidade após a concepção e ainda mais fortemente com o nascimento do bebê, na ocasião das primeiras interações da criança com seus cuidadores (ZORNING, 2015).

Portanto, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a relação parental na primeira infância e a importância dos cuidados iniciais com o bebê, tendo como enfoque a experiência da paternidade. A literatura atual demonstra mudanças nos papéis parentais

ocorridas nas últimas quatro décadas, que mencionam a importância da presença do pai, não somente exercendo um papel de ajudante da mãe ou de autoridade, mas com participação ativa nos cuidados com os filhos. Lembra-se também, que nas novas configurações familiares os papéis de pai e mãe não ficam atrelados ao gênero aos quais pai e mãe se referem, salienta-se a importância das relações familiares-adoptivas e homoafetivas, bem como a presença de outras pessoas da família que podem fazer o papel de cuidador, garantindo a criança os cuidados necessários ao seu desenvolvimento.

2. Metodologia

Esse estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura tratando-se, portanto, de uma análise crítica e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento (TRENTINI e PAIM, 1999). A pesquisa bibliográfica teve por objetivo discutir o tema da parentalidade com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e artigos indexados (MARTINS, 2001).

Nesse estudo adotou-se como método a técnica de revisão narrativa de literatura pela possibilidade de acesso livre a experiências de autores que já pesquisaram sobre o assunto. Foi realizado um levantamento de dados na literatura nacional sobre o tema proposto. Utilizou-se como fonte de dados a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), capturando os artigos publicados em um período temporal dos últimos 5 anos, compreendido entre 2013 e 2018. Para a pesquisa foram utilizadas como descritores: Recém-nascido, psicologia, bebê, cuidados paternos e criança. Foram encontrados 50 artigos que tinham alguma relação com a temática escolhida, após uma leitura criteriosa foram escolhidos somente 9 artigos que interessaram ao tema proposto. A pesquisa foi realizada em setembro de 2018.

Utilizou-se também livros de autores importantes que estudaram o desenvolvimento infantil e a relação mãe-bebê e novos escritos brasileiros sobre cuidados paternos. Analisou-se o documentário “O começo da Vida”, que trata das relações iniciais da criança, bem como seu desenvolvimento e processos de socialização.

3. Resultados e Discussões

Almejar ter um filho, para homens e mulheres, integra um desejo maior, o da imortalidade do ego, por meio da herança genética que será passada aos seus descendentes. Os filhos podem possibilitar aos pais e mães um retorno ao seu próprio narcisismo, por isso,

geralmente eles atribuem somente perfeições ao filho, reeditando o tempo em que se sentiam perfeitos, na infância, aos olhos de seus próprios pais (FREUD, 1914).

A partir disso, pode-se inferir que durante a gestação ou mesmo depois que a criança nasce, os pais e mães tem a oportunidade de refletir sobre o desejo da parentalidade e podem perceber a chegada do filho como alternativa para preencher um vazio em sua existência ou como possibilidade de realização de sonhos que eles não conseguiram. Tais reflexões podem possibilitar o desenvolvimento de melhores circunstâncias para que o filho possa desenvolver o seu próprio potencial e sendo o protagonista da sua vida.

Somado a isso, o período do puerpério pode ser marcado por diferentes sensações, sentimentos e comportamentos maternos, como insegurança, medo, entusiasmo e realizações, manifestos por risos e choros. Espera-se que haja uma tentativa dos pais e mães de entenderem as manifestações do bebê e responderem a ele, tentando atender o que é preciso naquele momento (IACONELLI, 2018). Geralmente não há a necessidade de se treinar ou ensinar aos pais como se comunicar com o seu bebê. Eles sozinhos podem fazer isso à medida em que conhecem o bebê.

Considerando essa etapa do desenvolvimento infantil, psicanalistas valorizam a linguagem corporal dele e suas manifestações vocais como meio de manifestação de existência. É por meio da linguagem que pais e mães também manifestam o que são e todo o seu potencial de vida. Diante disso, Iaconelli (2018) questiona: por que alguns pais e mães não manifestariam essa capacidade diante dos seus bebês? Há a possibilidade de que tenham vivenciado depressões graves, situações traumáticas ou retraimentos que os impeçam de serem espontâneos com seus bebês e reforçando a ideia de que eles precisam aprender o modelo de como fazer (IACONELLI, 2018). Nesse caso, pode-se inferir que os profissionais da saúde que fazem parte deste cenário, seja na Estratégia de Saúde da Família (ESF), clínicas, hospitais ou consultórios, tem um papel essencial como facilitadores dessa relação entre os pais e o recém-nascido.

Os bebês são atingidos por palavras que lhes são ditas ainda que não compreendam o significado destas. São atingidos pelo tom e a melodia da voz de quem lhes fala e pelas intenções de quem as emite. Essas experiências podem agir sobre os seus corpos e ser o motivo de um possível adoecimento. Portanto, as queixas familiares aos profissionais da saúde podem girar em torno de um sintoma parental ou já manifesto no bebê, que pode herdar uma história que nem sempre é fácil de viver (IACONELLI, 2018).

O desejo do outro é o agente da função maternagem, que vai inscrever o bebê, em sua “indizível e estúpida existência” (LACAN, 1999), na linguagem, permitindo ao mesmo um

lugar simbólico, para que este possa vir- a-ser um sujeito desejante. Por isso, os filhos biológicos ou não, precisam ser adotados subjetivamente e desejosamente por seus pais. A contrariedade a essa afirmação pode se manifestar através de situações de abandono, desamparo, privações afetivas, mesmo que simbolicamente, podem acarretar sérios danos de constituição subjetiva na criança.

A posição de protagonistas dos cuidados aos bebês, assumida historicamente por mulheres, delegou ao pai apenas a função de apoiar a mãe, ou fazer o seu papel quando esta precisa ser substituída por algum motivo. Porém, a inserção da mulher no mercado de trabalho e as mais diversas configurações familiares têm nos mostrado que se pode correr o risco de legitimar a relação entre a mãe (biológica) e o bebê como um modelo de relação mais saudável. Desta forma, atualmente o cuidado ao bebê é pensado de forma ampla, inserindo todos os atores envolvidos na chegada do filho, incluindo homens e diferentes configurações familiares- adotivas, homoafetivas- nas quais os papéis de pai e mãe não estão fortemente ligados aos papéis sociais ou aos gêneros sustentados pela cultura (BELO, GUIMARÃES, FIDELIS, 2015).

Sabe-se também que o cuidado a criança pequena envolve uma relação de amor, cuidado e respeito. Com relação a autoridade parental, essa não deve ser confundida com autoritarismo. A relação de autoridade entre pais, mães e filhos pode proporcionar o estabelecimento de um vínculo afetivo, permeado por respeito e confiança entre todos. Desta forma, os limites podem ser propostos pelos pais e pelas mães, que tem funções organizadoras na família, e devem permitir que a criança descubra o ambiente de forma segura, adquirindo noções de certo e errado, dos aspectos éticos, de moralidade e de convívio social (BEIRAS; SOUZA, 2015).

Beiras e Souza (2015) ainda destacam que os limites são essenciais para o desenvolvimento da criança, podendo ajudá-la a enfrentar e vivenciar situações de frustrações e desafios. Considerando que o aprendizado começa na primeira infância, nota-se que as limitações e frustrações são inerentes ao desenvolvimento, pois há coisas que uma criança precisa, não pode e não é capaz de fazer. A frustração cotidiana, amparada pelo afeto, pode ser vivenciada pela criança em um ambiente seguro e protegido, ao lado de pessoas que a criança ama, preparando-a assim para as futuras frustrações que poderão ocorrer ao longo da vida.

Estudos recentes mostram que filhos de pais e mães que tiveram mais envolvimento nos cuidados com a criança, podem apresentar melhor capacidade na resolução de problemas e rendimento escolar positivo, do que crianças cujos pais e mães não se fizeram presentes.

Logo, ao pensar no desenvolvimento integral na primeira infância, faz-se importante olhar para esses aspectos do envolvimento parental, que podem afetar as habilidades cognitivas, emocionais e sociais da criança. Na parte emocional, crianças que tem mais convivência com pais e mães costumam apresentar mais autoconfiança e menos medos, frustrações e depressão. No âmbito social, pais e mães que se envolvem, podem propiciar a seus filhos o desenvolvimento de paciência e empatia, agindo precocemente nos problemas relacionados ao comportamento (BEIRAS; SOUZA, 2015).

Nas configurações familiares atuais, observam-se mudanças significativas em relação a parentalidade, que mostram uma organização mais flexível de cuidado, onde os papéis são compartilhados entre os adultos responsáveis pela função parental. O papel que a criança ocupa dentro da estrutura familiar também mudou, na medida em que o bebê não é mais visto como alguém que necessita somente de cuidados biológicos, mas, sim, alguém que necessita de afeto e sustentação emocional, para que possa interagir ativamente com a família e se desenvolver de forma mais saudável (ZORNING, 2015).

4. A Importância das Relações Iniciais

De acordo com Brazelton e Cramer (2002) o desejo pela maternidade pode ser manifesto por diferentes motivos, uma vez que cada mulher tem sua história e singularidade. O desejo de ter um filho, também pode incluir o desejo de ter um parceiro para se reviver antigos relacionamentos, renovar laços e amores da infância.

A gestação tende a ser um momento muito importante na vida da mulher, em que ocorrem várias alterações físicas e emocionais. O corpo da mulher se transforma a cada dia, o que pode deixá-la mais vulnerável, e com relação a saúde emocional e ambivalente, ora sentindo-se mais fortalecida e madura ora mais fragilizada e confusa. Por isso, nesse período a mulher precisa de apoio do seu parceiro ou parceira, dos seus familiares, amigos e dos profissionais da saúde, que podem ampará-la e ajudá-la a vivenciar sua gestação de forma mais saudável (SILVA, 2013).

O nascimento de um filho acarreta uma dupla dimensão de inscrição: é necessário inscrevê-lo em uma história familiar na relação com seus pais e mães e em uma história transgeracional (dimensão descendente pais-filhos). A dimensão ascendente da transição (filhos-pais) é fundamental, pois, através do reconhecimento do filho em sua diferença é que pais e mães podem construir uma relação nova, saindo do lugar de repetição do passado e possibilitando ao bebê se apropriar das inscrições de sua história relacional inicial. Os pais e

as mães precisam reconhecê-lo em sua subjetividade e criar um espaço potencial em que ele possa ir reconhecendo gradualmente essas inscrições (ZORNING, 2015).

Os cuidados maternos iniciais constituem-se por meio de uma relação intensa e as experiências de cuidado serão o alicerce das características emocionais do adulto. As memórias vivenciadas tornam-se registros para a forma como o sujeito poderá agir e se relacionar no futuro, e para a mãe, da mesma forma, essas memórias poderão refletir em sua vida, trazendo a ela questionamentos sobre o seu papel de mãe, se conseguiu ser uma boa mãe, em sua própria visão, da família e da sociedade. Por isso, quando o envolvimento afetivo entre a mãe e o seu bebê começa acontecer, é indispensável que este tenha uma continuidade, que é necessário para o desenvolvimento da personalidade da criança, e da mãe. É a sensação de pertencimento de ambos que faz a relação de cuidado acontecer (BOWLBY, 2001).

Porém, para que essa relação se torne estável, algumas condições são importantes. Uma mãe só se dedicará por completo ao seu filho se sentir prazer em vê-lo crescer, passar pelas diferentes fases da infância e tornar-se um adulto independente, sabendo, que ela como mãe dispensou cuidados e dedicação para que isso acontecesse (BOWLBY, 2001).

Ao longo da história ocidental, o amor materno foi definido como instinto, um sentimento tão conhecido e puro, relacionado ao fato de que todos têm mãe, biológica ou não, alguém por quem foi cuidado quando pequeno, provavelmente uma mulher. Esse contexto somado a repressão do corpo feminino, ora pela Igreja, ora pelo cônjuge, ora pelo Estado, nota-se que amor materno foi historicamente considerado como sendo próprio da experiência de ser mulher.

Dados históricos demonstram que, nos séculos XVII e XVIII o conceito do amor da mãe aos filhos era outro: normalmente as crianças eram entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só retornavam ao lar depois dos cinco anos. Dadas as transformações ocorridas nas últimas quatro décadas, o amor materno passou a ser questionado enquanto instinto ou sentimento inerente à condição da mulher e passou a ser visto como algo que se adquire, se constrói. Como se vê atualmente, o amor materno é produto da cultura (BADINTER, 1985).

Logo, ao pensar em uma definição de amor materno, é comum relacionar este a um amor mais forte que tudo, melhor que todos os outros, absoluto. No entanto, comparando a relação mãe-bebê dos dias de hoje em relação a realidades anteriores, chega-se à conclusão de que elas são bem diferentes. Por isso, pode-se supor que esse sentimento nem sempre é o mesmo na história da humanidade, perpassa diferentes concepções ao longo da história.

Mesmo assim, a compreensão da sociedade em relação as mulheres e mães ainda são rodeadas de culpabilização, determinismos, religiões e autonomia restrita da figura feminina, quanto a escolha de ser ou não mães.

Pensando no relacionamento dos cuidadores com a criança, é interessante que os pais e mães experimentem uma relação em que ambos se sintam bem, buscando uma sintonia, propiciando assim, uma convivência colaborativa e agradável no cuidado aos seus filhos e filhas (BRAZELTON, 1990). Isso pode ser possível por meio do resgate de suas experiências passadas, através da história de sua infância, dos cuidados que receberam dos adultos responsáveis por eles, das relações afetivas que vivenciaram ao longo de sua vida, usando sua intuição e procurando aprender sobre as questões com as quais eles e a criança estão lidando no momento.

A partir do exposto, pode-se inferir que o nascimento de um bebê pode preceder de sentimentos intensos, em que pais e mães se questionam sobre como devem amar e cuidar o seu filho para que ele cresça saudável. Nesse sentido pode-se inferir que o mais importante não é o que se faz como pai ou mãe, mas como se faz, e que tipo de emoção emerge nessa situação. O bebê necessita sentir que há um interesse, uma preocupação por parte dos cuidadores, essa já é uma forma de cuidado.

Para Winnicott (1999), a presença do pai no momento do nascimento é uma experiência enriquecedora, pois, o pai pode prestar apoio e ajudar no entendimento desses primeiros momentos com o bebê. Os pais e mães vão aos poucos conhecendo as suas necessidades e preocupando-se com as mesmas nesse estágio inicial, cabe a eles tomarem suas decisões sobre os cuidados com o bebê, ainda que a equipe de saúde tenha suas sugestões.

Os pais e as mães precisam se desprender um pouco de si mesmos e ouvir as necessidades da criança, podendo ajudá-la quando ela mais precisa. Essa não é tarefa fácil, e não existe uma receita de como fazê-la, por isso cada família vai descobrindo aos poucos como conduzir esse período, que apesar de exigir muito dos cuidadores, pode vir a ser também um momento prazeroso (BRAZELTON, 1990).

Para Zornig (2015) a construção da parentalidade acontece em uma via de mão dupla: uma via que pode ter início antes do nascimento do bebê, por ser marcada pela história da infância de cada um dos pais, na qual os medos, sonhos, lembranças infantis e a representação dos pais sobre o bebê, servem como referência para a construção da parentalidade; e uma via ascendente, que se inicia pelas interações do bebê com seus cuidadores. Entende-se assim, que o nascimento de um filho produz uma reestruturação do psiquismo dos pais, pois, diante

do bebê real, as fantasias de pais e mães sobre o seu bebê podem ser retificadas e ajudá-los no desempenho da parentalidade.

Antes de obterem a capacidade de comunicação verbal, os seres humanos interagem socialmente por meio de ferramentas comunicativas, como gestos e ações. Tais instrumentos oportunizam a interação social, permitindo compartilhar suas atividades através da relação que se estabelece com o outro, já no primeiro ano de vida. Nesse processo de evolução, os bebês demonstram as seguintes habilidades: olhar na direção do olhar do outro; observar a face do outro, trocar objetos com o outro. Esses comportamentos são denominados como ação compartilhada (MACHADO; BELLO, 2015).

O bebê desde o nascimento pode interagir e trocar afetos com seus cuidadores, mas o desenvolvimento desse processo vai depender da qualidade da presença dos pais, mães e ou/adultos responsáveis pelo mesmo e da sua sensibilidade para interpretar e simbolizar essas sensações e percepções, o que pode ser considerado como o eixo primordial para a constituição psíquica na primeira infância. O início da relação do bebê com o mundo se dá por meio da musicalidade da voz materna, do toque do cuidado que ela lhe propicia e da identificação dos cuidadores as suas necessidades afetivas (ZORNING, 2015).

Freud (1915) sugere que a criança possui necessidades fisiológicas que precisam ser satisfeitas, como: o conforto e o alimento, e relaciona o interesse do bebê por uma figura humana, nesse caso a mãe, com a fonte de sua satisfação. Nessa perspectiva, o vínculo com a figura materna se dá em um segundo momento, o interesse do bebê acontece porque a mãe é o agente que pode suprir as suas necessidades fisiológicas.

Entre as formas de alimentação do bebê, a amamentação é muito importante, e pode ser vista como uma forma interessante de comunicação entre a mãe e o filho. Muitos autores, pediatras e outros profissionais da saúde, citam a amamentação e reforçam sua relevância para o desenvolvimento saudável da criança. Porém, como visto anteriormente, essa não é a única forma de contato físico íntimo entre a mãe e o bebê, existem outros meios igualmente importantes. A amamentação não deve ser proposta a mãe com obrigatoriedade, uma vez, que somente a mãe pode saber como se sente naquele momento, e se consegue ou não amamentar (WINNICOTT, 1999).

Pode-se inferir, que o pai entra como importante mediador entre a mãe e o bebê, amparando a mãe a reconhecer o filho em sua dimensão subjetiva, já que para ele a constituição do bebê é desde o início como objeto externo. O pai, se coloca como terceiro na relação, e introduz o bebê a diferença, auxiliando nos processos simbólicos (ZORNING, 2015).

A figura do pai é importante para todo o desenvolvimento infantil. Nos estudos, destacam-se a relevância dessa figura ao desenvolvimento emocional e intelectual da criança. A participação dos homens nos cuidados na primeira infância traz impactos para as suas próprias vidas, para as relações de construção de gênero, para a vida de suas/seus companheiras/companheiros, das crianças e das mulheres e homens em geral. Destaca-se, a importância da participação paterna no cuidado e desenvolvimento, bem como, um fator que auxilia a desenvolver reflexões e experiências que propiciem e estimulem a equidade de gênero, e a igualdade na realização de tarefas domésticas e coparentalidade (BEIRAS; SOUZA, 2015).

Atualmente, diante das diversas mudanças e configurações familiares, o exercício da paternidade ganha outra proporção. O pai, não é visto apenas como protetor e provedor, mas como, figura ativa na interação e nos cuidados com os filhos. O vínculo do pai com seus filhos, durante a primeira infância, e no decorrer dos anos, pode contribuir para que as crianças não apresentem tantos problemas de comportamento, como agressividade e sintomas emocionais, e ajudam a desenvolver mais competências sociais. Vale ressaltar, que esse papel paterno, não precisa ser exercido necessariamente pelo pai biológico, mas sim por um cuidador que possa estabelecer um vínculo com a criança e ocupar esse lugar (BEIRAS; SOUZA, 2015).

4.1 Estudos Brasileiros

A sociedade atual tem influenciado positivamente o exercício da paternidade. A entrada das mulheres no mercado de trabalho, o excesso de responsabilidades e a necessidade de dividir tarefas domésticas entre o casal, tem estimulado uma maior participação dos homens na criação dos filhos, o que difere de décadas atrás, quando o homem ocupava o papel de provedor e de autoridade na família lugar (BEIRAS; SOUZA, 2015).

Há estudos brasileiros que mostram um crescente interesse dos pais em participar das atividades e da educação dos filhos desde os primeiros anos de vida, porém, nem sempre acontece um envolvimento afetivo, seja pela falta de tempo, exigências e responsabilidades do trabalho ou mesmo pelo papel central que a mãe ocupa nessa relação. Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes, Piccinini (2013) realizaram uma pesquisa, com 38 pais de bebês de três meses, eles tinham entre 20 e 40 anos idade e responderam a uma entrevista semiestruturada. As questões abordadas foram sobre a paternidade, a convivência com os filhos, com a esposa e modelos parentais. Evidenciou-se através da experiência paterna desses homens, sentimentos

positivos na relação com os filhos e satisfação em participar da vida deles, embora tenham revelado que no dia a dia a paternidade possa ser, por vezes, cansativa.

Flores e Kruehl (2013) realizaram um estudo para investigar a experiência da paternidade de homens que moram com o(s) filho(s) sem a presença da mãe ou outra companheira, constituindo uma família monoparental masculina. Os participantes da pesquisa foram quatro homens, e a coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas. Ao assumirem a responsabilidade dos filhos, no que se refere a educação, alimentação, higiene e lazer, os pais que participaram desse estudo enfrentam muitos desafios em seu dia a dia, e passam a adaptar sua rotina a nova realidade. Os entrevistados mostraram disposição para enfrentar as dificuldades da paternidade monoparental, relatando sua dedicação aos cuidados com os filhos, renunciando a algumas atividades de seu próprio lazer, a fim de atender as necessidades das crianças, ainda assim eles demonstraram-se satisfeitos com a situação. O estudo considerou que estes pais se sentem comprometidos com a paternidade, mesmo com tantas responsabilidades eles fizeram o possível para serem bons pais e atenderem as demandas das crianças. No caso desses homens, destaca-se que a ausência de outra figura cuidadora, pode ter influenciado as atitudes dos mesmos, os levando a exercer a parentalidade de forma mais ampla e completa. No entanto, é necessário considerar que cuidar dos filhos sem a presença do outro genitor, acaba sobrecarregando e aumentando as exigências e os desafios na educação dos filhos ao genitor que detém a guarda. Os pais também enfrentam o desafio de se sentirem sozinhos com a responsabilidade de prover todos os cuidados aos filhos, eles relatam que quando precisaram de ajuda recorreram principalmente a figuras femininas, demonstrando que socialmente que este papel de cuidado com as crianças, ainda está associado a figura da mulher.

Cherer, Ferrari e Piccinini (2016), realizaram um estudo de caso, investigando os aspectos subjetivos paternos frente à amamentação e o desmame. Foram realizadas entrevistas com um pai primíparo, que foi entrevistado no 6º e no 20º mês de vida da filha. As entrevistas com o pai constataram que o mesmo rivalizava com sua filha pelo desejo da esposa, e conjuntamente, o pai disputava o bebê com a mulher, aspectos esses associados à história paterna. O pai relatou sentir inveja das potencialidades de sua esposa enquanto mãe, principalmente no que se refere a amamentação.

Nesse mesmo estudo os primeiros meses de vida da filha foram marcados por noites mal dormidas, com medo de que a filha acordasse a qualquer instante, ou precisasse de algo, o pai apresentava muitas preocupações e seu sono era totalmente prejudicado. No entanto, os pesquisadores ponderam que o desconforto desse período, poderia na verdade estar

expressando os conflitos que se desenvolviam nesse contexto, isto é, o pai parecia reviver a experiência infantil de ter sido negligenciado por sua mãe, conforme relatou em uma das entrevistas.

A partir disso, pode-se inferir que as dificuldades que esse pai teve no início das relações com a filha, se devem ao fato de essa situação levá-lo a reviver suas histórias infantis, de abandono da mãe, podendo relacionar a mesma com a figura da esposa, que em seu amor pelo bebê, o deixava de lado. Mesmo com as dificuldades encontradas nesse processo de paternidade, de forma geral, os relatos sugerem que, no processo de tornar-se pai, a amamentação e o desmame também ganham ênfase, pois a amamentação pode estar associada à relação corporal mãe-bebê e às dificuldades experienciadas pelo homem enquanto terceiro.

Polli, Gabriel, Piccinini e Lopes (2016), realizaram um estudo para investigar o envolvimento paterno de 35 pais (18 a 40 anos), cujo filho tinha 12 meses de vida. Os pais responderam a uma entrevista que foi analisada, com base em três dimensões do envolvimento paterno: interação, disponibilidade e responsabilidade. Os resultados desse estudo, mostraram que os pais se envolviam com o filho conforme as necessidades do mesmo, através de cuidados e brincadeiras, de acordo com as habilidades que os bebês estavam adquirindo. No que se refere a interação entre pai e bebê, os mesmos relataram interagir com seus filhos de acordo com esta etapa do desenvolvimento, de forma que pudessem cuidar das necessidades do bebê e ajudar a promover a autonomia do filho. A maioria dos pais, relatou, que a interação com o filho acontecia através do cuidado com a alimentação, participando especialmente desse momento, possivelmente pela introdução de alimentação sólida, já que no período de amamentação, a mãe participa mais ativamente e o pai apenas auxilia nesse processo. Alguns pais, relataram não ter habilidades para certos cuidados, como trocar a fralda do bebê, algo que está, entre outros fatores, relacionado ao fato de o pai não ser o principal cuidador do bebê. Segundo os autores, as crenças sobre as habilidades nos cuidados com o filho, podem estar diretamente ligadas com o envolvimento paterno, quanto menos se acharem eficientes, menor será o envolvimento com o bebê.

Os autores, Cherer, Sonogo, Piccinini e Lopes (2018), em seu estudo investigaram a experiência da paternidade, ao final do primeiro ano de vida do bebê. Os participantes do estudo foram 35 pais primíparos, com idades entre 19 e 31 anos, os pais eram de níveis socioeconômicos variados e residiam na região metropolitana de Porto Alegre. Todos viviam com a mãe do bebê que também era primípara. As entrevistas foram realizadas de forma individual. Os relatos dos pais, constataram que a experiência da paternidade, ao final do

primeiro ano de vida do bebê, foi associada a sentimentos prazerosos e de satisfação, sendo uma forma dos pais expressarem sua autoestima, sentindo-se felizes e orgulhosos com os filhos. Nos relatos também surgiram algumas dificuldades diante da paternidade, constituindo-se, de certa forma, em uma experiência ambivalente. Com relação esposa e a experiência da paternidade, alguns pais relataram que dividiam de modo igualitário com a esposa os cuidados com o bebê, se mostrando satisfeitos com isso. Entretanto, vários pais expressaram que as esposas assumiam a maior parte dos cuidados com o filho, esses pais se descreveram como auxiliares da esposa nos cuidados. Alguns conflitos entre o casal também foram mencionados pelos participantes, no que dizia respeito a educação dos filhos. O estudo constatou que a experiência da paternidade pode ser de grande crescimento pessoal para o homem, sobretudo, com o nascimento o primeiro filho.

5. Considerações Finais

Pode-se relacionar o desejo de ter um filho, ao desejo narcísico da imortalidade do ego. Os filhos carregam em si a possibilidade de continuidade à história transgeracional da família, e recebem a incumbência, ainda que inconsciente por parte dos pais, de realizar os seus sonhos, que outrora foram perdidos. O nascimento de um filho perpassa por diferentes fantasias, algo que independe dessa criança ter sido planejada ou não, os pais precisam se haver com esse novo momento que é ter um bebê, um pequeno ser humano que vai precisar deles para suprir todas as suas necessidades básicas.

A partir disso, pode-se inferir que a presença do bebê real, traz para a cena as recordações infantis de cada um dos pais, podendo gerar medo, insegurança, entre outros sentimentos, dependendo das experiências vivenciadas pelos pais na sua infância. Assim, pode-se dizer que o psiquismo sofre uma resignificação, através das memórias da infância e da relação nos cuidados com o bebê real.

Nota-se que na maioria dos estudos, a figura da mãe recebe ênfase nas relações iniciais com o bebê, e o pai ocupa um lugar de apoio, sendo o responsável por exercer a autoridade com o filho. No entanto, os estudos atuais comprovam a importância da presença do pai para o desenvolvimento da criança na primeira infância, mostrando que os homens têm procurado rever suas formas de cuidado com os filhos e alguns deles estão assumindo um papel mais ativo na relação com as crianças. Quanto a autoridade paterna, essa pode ser vista de forma a propiciar um vínculo afetivo, desde que seja permeada pelo respeito e confiança entre pai e filho, ajudando- o assim a sentir-se mais seguro com relação aos acontecimentos da vida.

Sabe-se que o bebê desde o seu nascimento é capaz de interagir e receber afetos na relação com seus cuidadores, mas é a qualidade da presença dos adultos responsáveis pela criança que vai facilitar para que esse processo ocorra de forma significativa para o desenvolvimento. Os cuidadores são os responsáveis por possibilitar um ambiente favorável e seguro para que aconteçam as primeiras inscrições na subjetividade da criança.

Entende-se assim, que é sempre importante refletir sobre responsabilidade dos cuidadores, a importância das relações iniciais para o desenvolvimento saudável do bebê e os reflexos desses cuidados da primeira infância para a vida adulta. Considerando, que o papel da do bebê na família tem se transformado hoje ele é visto como um parceiro ativo nas relações afetivas, sendo necessário suprir não somente as suas necessidades fisiológicas, mas também estar presente, interagindo e usando de sensibilidade para interpretar e simbolizar essas sensações e percepções.

Evidenciou-se através das pesquisas dos estudos brasileiros sobre a paternidade, os homens pais tendem a sentir satisfação em participar ativamente da vida de seus filhos, embora alguns, tenham revelado que a experiência da paternidade cotidiana pode ser cansativa. Outros pais, relataram renunciar suas próprias atividades de lazer em prol dos cuidados com as crianças, podendo assim, dedicar-se mais as necessidades deles. Observou-se também, que a experiência da paternidade, contribui para o crescimento pessoal do homem, principalmente, com o nascimento do primeiro filho.

O presente estudo buscou abordar a parentalidade com enfoque na experiência paterna e revisou alguns estudos nacionais sobre o tema. Ainda assim, compreende-se que um número expressivo de estudos publicados no Brasil e internacionalmente não foram revisados. Portanto, estudos futuros poderão contribuir com a ampliação dessa discussão ao demonstrarem os avanços das pesquisas mais recentes, viabilizando inclusive evidências sobre as particularidades e semelhanças entre estudos desenvolvidos em diferentes países.

Referências

Badinter, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Beiras, Adriano; Souza, Carolina Duarte de. Contribuições e Participação da Figura Masculina e da Coparentalidade para o Desenvolvimento Integral da Criança na Primeira Infância. In:- *Fundamentos da Família como Promotora do desenvolvimento infantil:*

Parentalidade em Foco/ Organizadores Gabriela Aratang Pluciennink, Márcia Cristina Lazzari, Marina Fragata Chicaro. -- 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal- FMCSV, 2015.

Belo, Fábio Roberto Rodrigues, Guimarães, Marcela Rêda, Fidelis, Kaio Adriano Batista. *Pode um Pai Ser Cuidadoso? Crítica à Teoria da Paternidade em Winnicott*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 20, n. 2, p.153-164, maio. /jun. 2015.

Bowlby, John. *Cuidados Maternos e Saúde Mental*: Tradução Vera Lúcia Baptista de Souza, Irene Rizzini. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Brazelton, T. Berry. *Ouvindo uma criança*: Tradução Wilson Roberto Vaccari. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Brazelton, Bertrand, G. Cramer. *As primeiras relações*: Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Cherer, Evandro de Quadros; Ferrari, Andreia Gabriela; Piccinini, Cesar Augusto. *A amamentação e o Desmame no Processo de Tornar-se Pai*. Estilos Clin. São Paulo, V 21, N 1, jan./abr. 2016, 12-29.

Cherer, Evandro de Quadros; Sonogo, Joice Cadore; Piccinini, Cesar Augusto; Lopes, Rita de Cássia Sobreira. *A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê*. Porto Alegre, 2018; 49(2), 127-136.

Flores, Gisele; Kruehl, Cristina Saling. *A Experiência da Paternidade em Famílias Monoparentais Masculinas*. Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 211-228, 2013.

Freud, Sigmund. (1996) *Sobre o narcisismo: Uma introdução*. In J. Strachey (Ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, Sigmund. *Instintos e suas vicissitudes (1972) 14: 117144*. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Imago Editora. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915).

Gonçalves, Ribeiro Tonantzin, Guimarães, Lis Eguia, Silva, Milena da Rosa, Lopes, Rita de Cássia Sobreira, Piccinini, César Augusto. *Experiência da Paternidade aos Três Meses do Bebê*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 26 (3), 599-608, 2013.

Iaconelli, Vera. *Eu falo com bebês, 2018*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2018/08/eu-falo-com-bebes.shtml>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

Iaconelli, Vera. *Desamparo do bebê ou da mãe, 2018*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2018/06/desamparo-do-bebe-ou-da-mae.shtml> Acesso em 18 de setembro de 2018.

Lacan, Jacques. *Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Machado, Andréa Carla, Bello, Suzelei Faria. *Habilidades Sociocomunicativas e de Atenção Compartilhada em Bebês Típicos da Primeira Infância*. Rev. Psicopedagogia- São Paulo, 32(98): 150-7, 2015.

Martins, GA, Pinto, RL. *Manual para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. São Paulo: Atlas, 2001.

Papalia, Diane. E, Feldman, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 12ª edição. São Paulo: Artmed, 2013.

Polli, Rodrigo Gabbi; Gabriel, Marília Reginato; Piccinini, Cesar Augusto; Lopes, Rita de Cassia Sobreira. *Envolvimento Paterno aos 12 meses de vida do bebê*. Porto Alegre, 2016; 47(3), 198-208.

Silva, Eliana Aparecida Torrezan. *Gestação e Preparo para o Parto: Programas de Intervenção*. O mundo da Saúde. São Paulo, 2013-37/2/208-215.

Trentini, M; Paim, L. *Pesquisa em Enfermagem, uma modalidade convergente- assistencial*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

Winnicott, Donald W. *Os bebês e suas mães*: Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Zorning, Silvia Maria Abu-Jamra. Parentalidade: Uma via de mão dupla. In:- *Fundamentos da Família como Promotora do desenvolvimento infantil: Parentalidade em Foco*/ Organizadores Gabriela Aratang Pluciennink, Márcia Cristina Lazzari, Marina Fragata Chicaro. -- 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal- FMCSV, 2015.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Maria Giselma Santos Melo – 60%

Paola Carvalho Fenner- 10%

Josiane Lieberknecht Wathier Abaid- 10%

Cristina Saling Krueel – 20%